

ESPECIAL 20 ANOS

Lições da Amazônia para o mundo

O povo indígena da aldeia Apiwtxa, no Acre, traz importantes ensinamentos sobre como viver, não da natureza, mas com a natureza

*Por Carolina Schneider Comandulli,
com a Associação Apiwtxa*

Fotografias de André Dib



Carolina Schneider Comandulli trabalha com povos indígenas das florestas amazônica e atlântica desde os anos 2000. É graduada em ciências sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre e doutora em antropologia pela Universidade College de Londres. A **Associação Apiwtxa** representa os interesses e ideais da comunidade Apiwtxa na terra indígena Kampa do rio Amônia, no Acre.



D

M JULHO PASSADO, UM PRESSÁGIO LEVOU O POVO INDÍGENA ASHANINKA A REALIZAR uma grande expedição tradicional. Como se adivinhando que sua paz e tranquilidade estavam por um fio, se embrenharam nas profundezas intocadas da floresta para desfrutá-las. Assim, mais de 200 Ashaninka das aldeias Sawawo e Apiwtxa ao longo do rio Amônia no Peru e no Acre, respectivamente, acamparam floresta adentro na estação seca, com as águas do rio claras e seguras para as crianças nadarem e o céu noturno calmo e estrelado, o céu dos seus ancestrais, que empreenderam aquela mesma expedição, uma semana caçando, pescando, compartilhando histórias e absorvendo toda alegria, beleza e serenidade que pudessem.

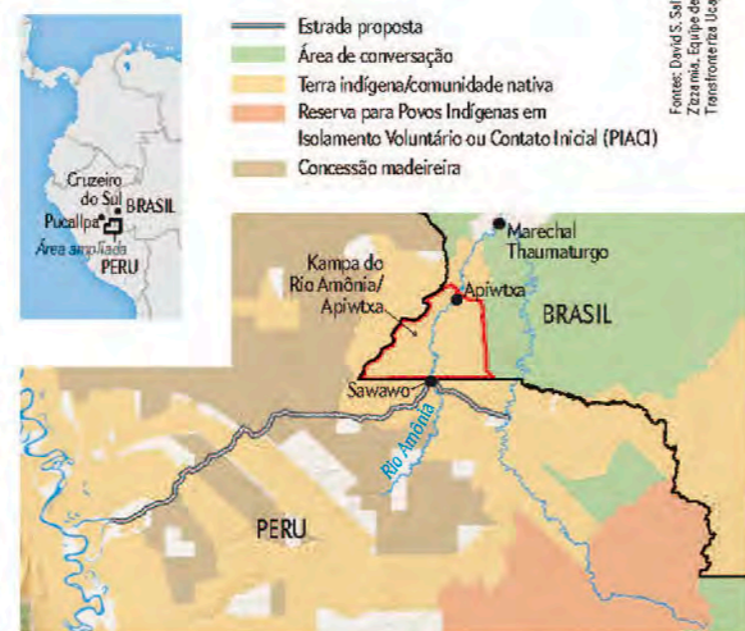
Um mês depois, os Ashaninka receberam a notícia — um projeto de construção de estradas, do qual ouviram falar meses antes, estava avançando. As madeireiras haviam movido equipamentos pesados do Peru continental para a borda da floresta amazônica, com a intenção de cortar uma estrada ilegal até o rio Amônia. Assim que a estrada chegasse ao rio, os madeireiros usariam a hidrovia para penetrar na floresta tropical e derrubar mogno, cedro e outras árvores. Os pássaros e os animais que os trabalhadores não abatessem para se alimentar fugiriam assustados com o guincho de motosserras. Povos indígenas estariam vulneráveis tanto a possíveis encontros violentos com os recém-chegados quanto a interações casuais, que podem ser letais, expondo os indígenas a micro-organismos desconhecidos por seu sistema imunológico. Traficantes de drogas também tinham seus planos: limpariam faixas da floresta para dar lugar a plantações de coca, aliciando os jovens locais para o tráfico. A estrada traria, em uma palavra, devastação.

Essa fronteira entre Acre e Peru, onde a planície da floresta amazônica se inclina suavemente em direção ao sopé dos Andes, é rica em diversidade biológica e cultural. É o lar da onça-pintada (*Panthera onca*) e do macaco-barrigudo-prateado (*Lagothrix poeppigii*). E, claro, de vários grupos indígenas. As suas paisagens protegidas incluem dois parques nacionais, duas reservas para indígenas em isolamento voluntário e mais de 26 territórios indígenas. A cidade grande mais próxima, Pucallpa, no Peru, fica a mais de 200 quilômetros de distância, acessível apenas por trilhas na floresta; a pequena cidade de Marechal Thaumaturgo, no Acre, com cerca de 15 mil habitantes, fica a três horas de barco rio abaixo de Apiwtxa e tem acesso, por voo fretado, à cidade de Cruzeiro do Sul, a segunda maior do Acre.

Remota como é, a região está ameaçada há séculos por colonizadores que buscam suas riquezas. Em resposta, os Ashaninka associaram-se em alianças indígenas para combater os invasores ou fugiram para lugares cada vez mais profundos

das florestas. Nos anos 1980, no entanto, os avanços da tecnologia tornaram muito mais rápido e fácil para pessoas de fora derrubar a selva para extração de madeira, pecuária, agricultura industrial e produção e tráfico de drogas.

A Ashaninka Apiwtxa se adaptou, respondendo à intensificação das invasões com resistência cada vez mais sofisticada e táticas multifacetadas, que incluíam buscar aliados tanto entre indígenas quanto na sociedade dominante. Mais significativamente, elaboraram uma estratégia para a sobrevivência da comunidade a longo prazo. A Apiwtxa projetou e alcançou uma forma sustentável, de bem-estar e em grande parte autossuficiente de vida, mantida e protegida pelo empoderamento cultural, espiritualidade e resistência a



Fontes: David S. Salisbury, Stephanie A. Speer, Elisebeth Collard, Anna Frisbie, M. R. Place, Yuniuen Reygadas Langarica e Elizabeth Zizama, Equipe de Análise Espacial das Fronteiras da Amazônia, 2021; Atlas de las Corrientes Propuestas en la Zona Transfronteriza Ucayali Peru-Acre, Brasil, pelo Laboratório de Análise Espacial da Universidade de Richmond (referência do mapa)



UMA ESTRADA DE MADEIREIRA do Peru (à esquerda) atravessou a floresta amazônica para chegar ao rio Amônia em agosto de 2021. Temendo um ataque devastador sobre a biodiversidade da região, povos indígenas Ashaninka e seus aliados pararam o avanço dos madeireiros com seus corpos. Eles posteriormente estabeleceram um posto avançado de vigilância (acima) pela estrada ilegal, para prevenir contra novas tentativas de extrair a riqueza natural da região.



invasões do mundo exterior. “Vivemos na Amazônia”, disse o chefe da Apiwtxa, Antonio Piyáko, no encontro de julho passado. “Se não cuidarmos dela, desaparecerá. Nós temos o direito de continuar cuidando desta terra e impedir que seja invadida e destruída por quem não pertence a este lugar.”

A Apiwtxa, junto com membros de organizações não governamentais, tem trabalhado com o povo Sawawo, os primeiros na linha de combate às invasões, para se preparar para resistir aos madeireiros. Quando souberam que os madeireiros chegariam, membros do grupo de vigilância Sawawo subiram o Amônia em seus barcos. Duas horas e meia depois encontraram dois tratores carregados com pessoas, alimentos, combustível e equipamentos para fundar uma base madeireira. Os veículos atravessaram o rio em direção ao território Ashaninka no Peru. Os defensores tiraram fotos da destruição, conseguiram informações e voltaram para sua aldeia, onde tiveram acesso à internet. Lá, denunciaram a intrusão às autoridades peruanas por meio de uma organização, solicitando que um oficial do meio ambiente fosse examinar os danos. Também compartilharam as evidências com a Apiwtxa e outros aliados e acamparam no local da invasão, esperando por reforços.

Os membros da Apiwtxa apareceram logo depois, de barco, e nove dias depois, apoiadores de três ONGs — Pro Purus, Conservação Alto Amazonas e Aconadayish — chegaram a pé. Naquela noite, viram mais dois tratores chegando com suprimentos. Mais de 20 pessoas, lideradas por uma mulher carregando seu bebê, se puseram rapidamente na frente dos tratores, evitando que os madeireiros cruzassem o Amônia. Os Ashaninka, que têm reputação de guerreiros ferozes, confiscaram as chaves dos motoristas atordoados.

O funcionário do meio ambiente chegou no dia seguinte. Examinou superficialmente os danos ambientais e exigiu as chaves do trator, que os Ashaninka entregaram. O povo de Sawawo, no entanto, manteve a presença no acampamento durante meses para garantir que os tratores não fossem usados para um novo ataque à região, e as ONGs aliadas alertaram a imprensa para a intrusão. Afinal, as empresas madeireiras deixaram o território. A resistência indígena determinada, mas não violenta, junto com a pressão da mídia global os desencorajou, ao menos temporariamente.

Em novembro de 2021, no entanto, quando Apiwtxa estava hospedando uma reunião de grupos indígenas locais para discutir as crescentes ameaças de madeireiros e traficantes de drogas, o governo peruano autorizou a recuperação dos tratores. Uma das empresas tem desde então retomado seus esforços para entrar na região, usando um método testado e comprovado como tática — dividir e conquistar, buscando convencer lideranças indígenas individuais a assinar contratos de extração de madeira com eles. A luta que os Ashaninka vêm travando há décadas continua.

MODERNO NÃO, CONTEMPORÂNEO

DESDE 1992, quando o povo Ashaninka obteve o título legal de seus 870 quilômetros quadrados de floresta parcialmente degradada ao longo do rio Amônia, uma de suas comunidades alcançou uma surpreendente transformação. Uma vez que é um povo que foge, luta ou é subjugado desde que os missionários e colonizadores europeus chegaram a sua pátria há três séculos, as cerca de 1.000 pessoas da aldeia Apiwtxa da terra indígena Kampa do rio Amônia têm se tornado

uma comunidade autônoma, autoconfiante e amplamente autossuficiente. Regeneraram a floresta, que havia sido danificada pela exploração madeireira e pecuária; as espécies ameaçadas de extinção foram restauradas e obtiveram maior segurança alimentar através da caça, coleta, agrossilvicultura e cultivo itinerante. E ainda moldaram um modo de vida voltado para a continuação de sua comunidade e de seus princípios. Essas conquistas, bem como seu apoio a outras comunidades indígenas, já lhes valeram diversos prêmios, incluindo Prêmio Equatorial das Nações Unidas, em 2017.

Os planos de vida Apiwtxa, desenhados a partir de visões xamânicas e moldados por interações com o mundo não indígena, são atributos na proteção e nutrição de toda a vida em seu território. Os Ashaninka sustentam que seu bem-estar depende da manutenção da incrível biodiversidade da Amazônia. Essa consciência vem em grande parte de suas relações íntimas com plantas, animais, corpos celestes e outros elementos de sua paisagem, que consideram seus parentes próximos. Esses seres, especialmente a planta ayahuasca (*Banisteriopsis caapi*), que os Ashaninka chamam *kamarâpi*, ajudam a tratar suas doenças e orientam suas decisões através de visões. “Nossa vida é um encantamento”, o xamã Moisés Piyáko me disse em julho de 2015. “O que vivemos na Apiwtxa é vivido de antemão no mundo de kamarâpi.”

Como arquitetos de seu futuro, em vez de vítimas passivas das circunstâncias, os membros da Apiwtxa estão vivendo um conceito delineado pelo estudo desenvolvido por Arturo Escobar em *Designs for the Pluriverse* (Projetos para o Pluriverso, em tradução livre, 2018). Estendendo a teoria do design para o reino cultural e político, Escobar descreveu o design social

O MODO APIWTXA de viver — desfrutar de um passeio de canoa no rio Amônia (página ao lado), tecer folhas de palmeira para o telhado (centro) ou preparar uma caça para uma refeição (direita) — são atributos para sustentabilidade e autossuficiência. Trata-se de defender o território de ataques quando necessário, bem como a implementação de normas para a proteção da biodiversidade.

como um meio pelo qual os povos indígenas engendram soluções inovadoras para os desafios da contemporaneidade. Para ele, momentos de desagregação social, quando “o modo habitual de estar no mundo é interrompido”, são importantes para que surjam novas formas de viver. Garantir um território, um espaço seguro para que o design floresça é essencial, acrescenta Escobar. Através da luta para salvaguardar suas terras, os Apiwtxa perceberam este ideal: a comunidade tem lutado contra a desintegração para assumir o controle de seu próprio destino e o das criaturas com as quais vivem e das quais dependem.

Cheguei pela primeira vez à aldeia da Apiwtxa em 2015 enquanto da minha pesquisa de doutorado em antropologia. Chegar lá exigiu quatro conjuntos de liberações — da minha universidade, de duas agências brasileiras e da Apiwtxa — um voo comercial para Cruzeiro do Sul, um voo fretado para Marechal Thaumaturgo e depois uma viagem de barco de três horas. Poucos dias depois da chegada, percebi que não era tarefa fácil estudar os Ashaninka. Uma história de séculos de desapropriação e a exploração por não indígenas os tornaram cautelosos com quem vem de fora. Foi somente depois de alguns meses de eles observando a mim que fui autorizada a



AUTONOMIA, princípio fundamental de Apiwtxa, requer autossuficiência alimentar e econômica. Uma criança pega milho de um campo de multiculturas (à esquerda). A Cooperativa Ayopare vende arte local, como adereços de penas (centro), feitos de forma sustentável; Dora Piyāko, presidente da cooperativa, mostra um sling para carregar bebês (à direita).

ficar. Minha vontade de colaborar com seus projetos, minha empatia com seus princípios e meu profundo respeito por sua coragem e sabedoria guiaram sua decisão. Acabei vivendo e trabalhando com os Ashaninka por dois anos e meio. Isto foi uma experiência transformadora.

Trabalhei com vários grupos indígenas desde o início dos anos 2000, como pesquisadora, consultora sobre o impacto ambiental de projetos de desenvolvimento e, posteriormente, como funcionária da Fundação Nacional do Índio (Funai). Eu estava bem ciente da devastação que a fome do Norte Global por petróleo, minerais, madeira e outros recursos causara nos povos da floresta. Descobri os Ashaninka notáveis, no entanto, por sua análise penetrante das agressões que enfrentaram, bem como pela clareza com que criaram suas próprias respostas. Eles não eram “modernos”, no sentido de que não buscavam um estado de desenvolvimento modelado em um ideal de progresso e crescimento que muitos aspiram mas poucos podem alcançar. Em vez disso, eram excepcionalmente “contemporâneos”, no sentido de encontrar suas próprias soluções para os problemas atuais.

Nas palavras do filósofo, antropólogo e sociólogo Bruno Latour, “saber tornar-se contemporâneo, isto é, do seu tempo, é a coisa

mais difícil que existe”. E eu estava impressionada e inspirada pela engenhosidade e resiliência da Ashaninka Apiwtxa. “Nós, os Ashaninka, fomos massacrados por madeireiros; temos sido massacrados por traficantes de borracha; fomos massacrados pelos colonizadores. . . . Fomos levados como força de trabalho para atender a clientes que pretendiam derrubar a floresta e caçar os animais para que eles pudessem viver bem; fomos massacrados pelos missionários que nos disseram que não sabíamos de nada”, me disse Benki Piyāko, um líder Ashaninka. “Mas então decidimos dar uma resposta diferente: começamos a estudar.”

O primeiro “aluno”, como conta Benki, foi seu avô, Samuel Piyāko, que procurou entender os imperativos econômicos que levaram os forasteiros a explorar a natureza e os povos indígenas. Nascido no Peru, Samuel era um xamã que trabalhava nas plantações de algodão em condições análogas ao trabalho escravo: eram forçados a trabalhar em troca de pagamento insuficiente até para itens de primeira necessidade, vendidos a preços extorsivos pelos próprios donos das plantações, tornando os indígenas permanentemente endividados. Em algum momento da década de 1930, Samuel escapou das plantações e desceu as encostas dos Andes até a floresta tropical no Brasil. Lá, também, encontrou colonizadores que estavam entrando na floresta pelos grandes rios amazônicos.

“Eu não tenho lugar para escapar”, pensou Samuel, de acordo com Benki. “Vou ter que me adaptar aqui. Eu vou ficar aqui e olhar com meu espírito para ver como poderei permanecer conectado a outras pessoas e seres.” Os descendentes de

Samuel dizem que ele usou sua técnica xamânica de poderes para vislumbrar a transformação que seu povo vem vivendo desde que foi contatado. “O que está acontecendo aqui é o sonho do meu avô”, disse Moisés. “Aqui estamos nós, seus netos, realizando o que ele achava que garantiria a continuidade do povo e construiria o melhor caminho para todos nós.”

Samuel passou a ser considerado um pinkatsari, ou líder, cuja presença acolhedora induziu outras famílias Ashaninka a se mudarem para a área. Mais tarde, quando um de seus filhos, Antonio, quis se casar com uma mulher não indígena, falante de português, de família de seringueiros e pecuaristas, Samuel assentiu, declarando que ela se tornaria uma aliada. Ele estava certo. A própria família da moça, desde o início, se opôs ao casamento, então Francisca Oliveira da Silva, que se tornou conhecida como Dona Piti, veio morar com os sogros, trazendo consigo seu conhecimento do mundo exterior.

A partir da década de 1960, muitos dos Ashaninka começaram a trabalhar para os chefes madeireiros, que usaram sua falta de conhecimento sobre o mundo exterior para explorá-los, pagando com uma caixa de fósforos, por exemplo, por uma árvore de mogno. Piti explicou a eles os valores relativos desses bens para os comerciantes, ajudando-os a entender como eles estavam sendo enganados em todas as transações. Procuraram quebrar o ciclo de exploração e, em vez disso, comercializando em seus próprios termos, a comunidade fundou uma cooperativa, uma empresa comercial controlada coletivamente, nos anos 1980. “Estávamos sendo enganados”, lembrou Bebito Piyāko, um dos filhos de Piti e Antonio. “A cooperativa era a forma, pensamos, de quebrar

essa dependência.” A Cooperativa Ayōpare permitiu que os membros da comunidade comercializassem o que produziam a crédito, com o qual eles poderiam obter mercadorias de uma loja da aldeia.

Nessa época, a extração industrial de madeira chegava à região, criando destruição numa escala que os Ashaninka nunca haviam encontrado antes. Nos velhos tempos, poderia levar dias para derrubar uma única árvore de mogno com machado; agora, minutos. Faixas de floresta tombarham pelas motosserras. As antas e outros animais de caça fugiram. Trabalhadores trazidos de cidades distantes invadiram as celebrações Ashaninka, espalhando doenças e assediando as mulheres. Ataques semelhantes em toda a bacia Amazônica deflagraram um vigoroso e prolongado movimento social que resultou, no Brasil, na adoção de uma nova Constituição progressista em 1988, que reconhecia os direitos dos povos indígenas de usar os recursos naturais de seus territórios como bem entendessem. Com a nova Constituição do país, os Ashaninka buscaram a ajuda da Funai para garantir direitos territoriais sobre a floresta circundante.

Eles foram sitiados por ameaças de morte de madeireiros e fazendeiros de gado. Transportar os documentos necessários entre a Apiwtxa e Cruzeiro do Sul, segunda maior cidade do Acre, exigia empreitadas corajosas. No entanto, Piti, Antonio e seus filhos mais velhos, Moisés e Francisco, pressionaram as autoridades brasileiras pelo direito de controlar como os recursos de sua localidade deveriam ser usados. Ninguém foi morto, mas, quando o título da terra chegou, muitas famílias Ashaninka tinham saído por medo. Que Samuel tenha morrido

durante a luta, mesmo que de velhice, sem dúvida aumentou sua sensação de insegurança.

FORÇA NA UNIDADE

RECONHECENDO que a unidade e a cooperação eram fundamentais para a sobrevivência, o restante das famílias Ashaninka, lideradas por Antonio, Piti e outros, embarcaram em um processo de planejamento coletivo para determinar seu futuro. Que tipo de vida queriam viver e como conseguiriam? Eles pesquisaram seu território e suas experiências, “buscando dentro de nós, o pior de todos os maus momentos que enfrentamos, para que pudéssemos refletir sobre as mudanças que teríamos que fazer”, lembrou Benki. Projetar seu futuro, elaborar um conjunto de regras para manter a estrutura social coesa que imaginavam e desenvolver um plano de gestão para garantir recursos adequados e duradouros consumiria três anos de exploração e discussão.

Nesse período, cerca de 200 pessoas formaram a associação Apiwtxa para representar seus interesses perante a sociedade civil e o Estado. E ao final, começaram a mudar a comunidade para o extremo norte de seu território, um local remoto que consideravam estratégico: menos acessível aos invasores e mais propício para manter sua integridade social e sistema de governança. Embora os Ashaninka vivessem tradicionalmente como núcleos familiares espalhados pela paisagem, fundaram uma aldeia compacta que seria mais fácil de defender, também nomeando-a Apiwtxa.

Traduzida como “união”, a palavra apiwtxa significa colocar os interesses coletivos acima dos individuais e é um dos princípios fundamentais de governança da comunidade. Os aldeões consistentemente o aplicam em suas lutas, buscando chegar a um consenso através de encontros e discussões que podem durar um único período, ou levar dias — se isso for preciso para que todos concordem — antes de dar início ao curso da ação. Essas reuniões ajudam a Apiwtxa a conceber maneiras de superar as ameaças e planejar projetos futuros.

A Apiwtxa construiu a nova aldeia às margens do rio Amônia, em duas antigas pastagens de gado de cerca de 40 hectares. Eles reflorestaram a área, principalmente com espécies nativas, cultivadas em viveiros. Construíram suas moradias de maneira tradicional — perto do rio, em plataformas suspensas, para se proteger de cobras, e principalmente sem paredes para deixar entrar a brisa. Ao redor de suas casas, plantaram bananeiras, palmeiras e árvores lenhosas, bem como algodão, milho, mandioca e plantas medicinais. Escavaram tanques para criar peixes e tartarugas para reabastecer os recursos pesqueiros do rio Amônia e criaram áreas proibidas, que mudam periodicamente, para evitar a caça excessiva. Também estabeleceram uma escola que ensina crianças em língua Ashaninka nos primeiros quatro anos e transmite tanto habilidades tradicionais, como tecelagem, como ensinamentos da educação convencional, como aritmética. Vários dos jovens foram embora para frequentar a universidade e estudar o mundo exterior — em particular, sua economia e sistemas políticos — antes de retornar com suas habilidades para a Apiwtxa.

Na Apiwtxa, o dia gira em torno de viver — banhar-se no rio, cuidar das colheitas, pescar, cozinhar, consertar suas casas e providenciar implementos, e jogos. Quando chega

ao fim, todos estão cansados. As crianças jantam um pouco antes do pôr do sol e no começo da noite desfrutam de uma sessão de contação de histórias antes de dormir. Não há eletricidade. Os adultos comem depois das crianças, e depois os líderes espirituais sentam-se para mascar folhas de coca em comunhão silenciosa. As mulheres se reúnem para fiar algodão, conversando pouco. Entre os Ashaninka, muita comunicação acontece sem fala, por meio de mudanças sutis na expressão e na postura. Íamos dormir às 19h ou 20h, acordando cedo para ouvir o canto dos pássaros e outros sons da floresta, sentindo-nos profundamente descansados.

As normas que a Apiwtxa decidiu na década de 1990 foram capazes de desenvolver um complexo sistema de governança: o de líderes comunitários, vários parentes próximos de Samuel, e compreende xamãs, guerreiros e caçadores que lidam com questões internas, ao lado de pessoas com educação formal ou experiência na construção de movimentos sociais, que atuam como interlocutores com o mundo exterior. Com tamanha diversidade de habilidades, a Apiwtxa também se tornou hábil em arrecadar fundos de governos e agências não governamentais para projetos, como reflorestamento.

Um segundo princípio-chave do design Ashaninka é a autonomia — independência dos sistemas de opressão e a liberdade de determinar como viver em seu território. “Não ser liderado por outros é essencial”, Francisco declarou. A autonomia requer uma grande medida de autossuficiência, graças à qual a Apiwtxa melhorou sua soberania alimentar, e implementou práticas econômicas e comerciais que impactam minimamente o meio ambiente. O antigo sistema ayōpare de troca, que vai além das trocas materiais para a criação e nutrição de relações de apoio e respeito mútuos, orienta todas as transações dentro e fora da comunidade. Eu experimentei enquanto morava lá: alguém podia me pedir, digamos, baterias, e alguns dias ou meses depois eu encontrava um monte de frutas ou algum outro presente na minha porta.

Uma manifestação desse sistema é a Cooperativa Ayōpare, que comercializa apenas produtos que não empobrecem a natureza e apenas com pessoas de fora, que apoiam os objetivos da Apiwtxa. “A floresta é nossa riqueza”, como explicou Moisés. “Nosso projeto é sustentar essa riqueza.” Os produtos de maior sucesso da cooperativa são o artesanato; ele ajuda a manter as tradições e proteger a floresta, proporcionando relativa autonomia econômica. A cooperativa também possibilita à Apiwtxa comunicar seus princípios; por exemplo, começaram recentemente a vender sementes nativas para reflorestar outras partes da Amazônia.

Reduzir as ameaças físicas do mundo exterior aumenta a autonomia também. Para tanto, as Apiwtxa tentaram criar um ambiente físico e cultural de “zona de amortecimento” em torno de seu território, ajudando comunidades indígenas vizinhas a também reforçar suas tradições e proteger a biodiversidade. A subjugação prolongada pela sociedade dominante levou vários grupos Ashaninka, especialmente aqueles no Peru, a adotar modos de vida insustentáveis ou sucumbir às pressões do mercado para vender madeira ou outros recursos florestais, Benki e Moisés observaram. Mudar esse estado de coisas requer a restauração de formas ancestrais de interação com a natureza, acreditam os xamãs. Os líderes da Apiwtxa sustentam que esse conhecimento ancestral é um recurso para toda a humanidade.



“Não basta trabalhar em nossa terra”, disse Benki, “porque nossa terra é apenas um pequeno pedaço deste grande mundo que está sendo destruído.”

Os Ashaninka rejeitam a ideia de que a humanidade é separada da natureza e que esta está sujeita à primeira. De acordo com seu mito da criação, as criaturas originais eram todas humanas, mas Pawa, seu Criador, transformou muitos deles em animais, rochas, plantas, corpos celestes e outras coisas. Apesar de serem diferentes na forma, esses seres mantiveram sua humanidade e estão todos relacionados aos Ashaninka. Muitas outras tradições indígenas também sustentam que plantas, árvores, animais, pássaros, montanhas e rios, entre outros, podem falar, sentir e pensar e estão ligados a outros seres em relações recíprocas.

UM MUNDO SENCIENTE

A AYAHUASCA os ensinou sobre as conexões íntimas entre os seres, dizem os Ashaninka. Em sua mitologia, a videira ayahuasca brotou do lugar onde uma sábia mulher ancestral, Nanata, foi enterrada; a ayahuasca, então, terminou por possuir sua sabedoria. Um pássaro explicou então aos Ashaninka como unir o cipó ayahuasca com uma folha particular (*Psychotria viridis*) para preparar a bebida sagrada, *kamarāpi*. “Eles beberam e levaram para o seu povo, trazendo luz e consciência”, disse Benki.

Os rituais kamarāpi ocorrem sempre à noite, preferencialmente sob um céu claro e estrelado. Não há fogo, não há conversa; a ocasião é solene. Quando a poção psicoativa começa a fazer efeito, o xamã que guia a cerimônia canta geralmente para os pássaros e para os espíritos no céu. Logo os outros come-

EM UMA REUNIÃO nas cabeceiras do rio Amônia em julho passado, membros das comunidades Apiwtxa e Sawawo discutiram a necessidade de proteger a floresta amazônica do interesse indiscriminado por suas riquezas.

çam a cantar também, suas vozes se sobrepõem para criar uma polifonia arrebatadora. Nesse ponto, surgem as visões. O xamã está sintonizado com cada participante, intervindo quando necessário.

Quando participei do ritual, senti meu corpo se dissolver no ambiente, meu eu se fundindo com o ambiente de uma forma que desafia as palavras, dando-me um profundo senso de conexão com os outros seres. Na minha experiência, a cerimônia do kamarāpi estabeleceu laços poderosos entre todos os presentes e entre as criaturas da floresta e eles, permitindo que a comunicação acontecesse em silêncio, mesmo após o término do ritual.

Na visão de Moisés, kamarāpi ajuda as pessoas a desenvolverem a consciência, conduzindo-as ao autoconhecimento e, aos poucos, a um profundo conhecimento de outras pessoas e outros tipos de seres. Uma vez desenvolvida, essa sabedoria ajudará a orientar suas ações e relacionamentos. Rituais xamânicos têm paralelos com psicoterapia, observou o antropólogo Claude Lévi-Strauss; xamãs, como terapeutas, ajudam as pessoas a obter uma visão sobre si mesmas e seus relacionamentos com outros.

Mas os psicoterapeutas só recentemente começaram a compreender o poder das substâncias psicoativas em pacientes traumatizados, entre outros, para lidar com seu sofrimento e assim os curar. O ritual kamarāpi vai além, criando profunda empatia não só por si mesmo e por outros seres humanos



OS ASHANINKA ACREDITAM que animais, vegetais, minerais e tudo mais que faz parte da natureza, como o rio Amônia (página ao lado), são sencientes e estão conectados por relações recíprocas. Visões induzidas pelo cipó ayahuasca (à esquerda) reforçam essa percepção. Francisco Piyāko (acima) comunga com uma majestosa árvore sumaúma (*Ceiba pentandra*).



O RIO AMÔNIA serpenteia pela terra indígena Kampa do rio Amônia, no oeste da bacia amazônica.

mas também por outras criaturas, assim como rios e outras características da paisagem. Todos passam a ser vistos como conectados, uma consciência com profundas implicações na forma como as pessoas tratam a natureza.

Os xamãs de Apiwtxa até atribuem sua capacidade de projetar sua sociedade às visões kamarãpi. Moisés, Benki e outros xamãs buscavam ativamente a orientação da ayahuasca, com ela atingem, sustentam e exploram um estado alterado de consciência que lhes permite vislumbrar soluções aos desafios. Os sonhos são conhecidos por serem propícios à resolução de problemas, pois permitem que conceitos díspares se conectem de maneiras não normalmente disponíveis para a mente racional. Xamãs em Ashaninka e outras culturas indígenas atingem tais estados de consciência como meio de buscar previsão e sabedoria.

“Sonhar é essencial, mas não o suficiente”, acrescenta Benki. Também é essencial planejar — pensar consciente e

racionalmente — e agir no presente. Quando um xamã relata uma visão significativa, a comunidade discute e desenvolve um plano de ação. Em 2007, quando Benki sonhava com um centro de divulgação da filosofia dos povos da floresta — um lugar que estaria enraizado no conhecimento ancestral, enquanto alcançava o mundo com uma mensagem de cuidado com todos os seres —, a Apiwtxa agiu a respeito, fundando o Centro Yorenka Átame (Conhecimento da Floresta) em 2007.

Construíram o prédio em um pasto do outro lado do rio a partir de Marechal Thaumaturgo, como mencionado, a três horas rio abaixo de Apiwtxa. Seus criadores pretendiam que Yorenka Átame servisse como uma demonstração aos habitantes da cidade, de uma forma alternativa de viver, e transformaram o pasto em uma floresta de árvores frutíferas. Antes, enquanto servia como secretário de Meio Ambiente para a cidade, Benki procurou afastar jovens do tráfico de drogas treinando-os na agrofloresta e convidando-os para cerimônias kamarãpi. O uso da ayahuasca pode ser perigoso: seu impacto depende crucialmente da habilidade e da ética da pessoa que supervisiona a sessão. Mas Benki esperava que o

ritual ajudasse os jovens a se sentirem conectados à natureza — e aconteceu. Eles o ajudaram a plantar em torno de Yorenka Átame e passaram a estabelecer um assentamento chamado Raio do Sol, onde cultivam seus próprios alimentos por meio de agroecologia.

Yorenka Átame é um lugar de troca de conhecimento sobre a floresta e de discussão sobre o real sentido de desenvolvimento. Tem sediado muitos encontros de povos indígenas e estudiosos de ao redor do mundo. “Não temos inimigos; temos parceiros e aliados e aqueles de quem discordamos”, disse Francisco — a Apiwtxa deseja envolver todos no diálogo. Trocas em Yorenka Átame e no campo ajudaram seringueiros locais a reflorestar sua região e estimularam a revitalização cultural de muitos grupos indígenas, como os povos Puyanawa, que foram escravizados e quase exterminados pelos barões da borracha.

Tais atividades deram à comunidade Apiwtxa uma grande presença e influência na região, apesar de seu pequeno tamanho. Isaak Piyãko, outro dos filhos de Antonio e Piti, tornou-se o primeiro prefeito indígena de Marechal Thaumaturgo em 2016. Estar entre os líderes da Apiwtxa, uma

comunidade cujas conquistas são respeitadas, provavelmente ajudou sua eleição.

Em 2017, Benki e outros estabeleceram um projeto relacionado, Yorenka Tasori (Conhecimento do Criador), com seu próprio centro. Isso facilita a difusão do conhecimento espiritual e medicinal indígena entre os povos da floresta e além. Yorenka Tasori também inclui um esforço para proteger os locais sagrados Ashaninka, que muitas vezes são lugares de grande beleza natural, mas são ameaçados por estradas, barragens e indústrias extrativas. Tanto um esforço político quanto espiritual, Yorenka Tasori busca revitalizar os laços tradicionais entre os Ashaninka como forma de restaurar sua coesão historicamente poderosa. Dessa forma, protegendo seus conhecimentos ancestrais, especialmente a consciência da interconexão com todos os outros seres humanos, e passando esses dons para as gerações mais jovens, a Apiwtxa espera garantir a continuidade dos Ashaninka como povo.

Acompanhei Benki e outros representantes da Apiwtxa em visitas aos locais sagrados Ashaninka no Peru e fiquei impressionada com como as pessoas eram atraídas. Eles tinham uma aura de serenidade e poder que atraiu muitos outros, de modo que nosso grupo cresceu inexoravelmente enquanto viajamos. Os líderes da Apiwtxa inspiravam esperança por onde passavam, a ponto de um chefe de uma comunidade indígena ter dito: “deve ter sido Pawa quem o enviou aqui para abrir nossos olhos”.

Os Apiwtxa também esperam abrir nossos olhos — chegar até nós com sua mensagem de unidade e inter-relação de todos os seres. Eles acreditam que uma consciência espiritual da unidade subjacente das criaturas mostra uma saída para a nossa época, marcada como é por crises sociais — um momento que é cada vez mais referido como o Antropoceno. Esta era geológica deriva da expansão implacável das atividades destrutivas da humanidade na Terra, impactando a atmosfera, os oceanos e a vida selvagem a ponto de ameaçar nossa própria sobrevivência. Os *anthropos* menos responsáveis pelo Antropoceno — pessoas que habitam a Terra de maneiras tradicionais — estão sofrendo suas piores consequências, no entanto, em danos aos seus ambientes, meios de subsistência e vidas.

A Apiwtxa propõe, no lugar do crescimento econômico permanente e da indústria extrativista, um sistema social e econômico no qual a colaboração esteja acima da concorrência e onde cada ser é importante para o todo. Ao cuidar de humanos e de outros seres além dos humanos e cultivando a diversidade através da proteção, restaurando e enriquecendo a vida, estão apontando um caminho para fora do Antropoceno.

“Esta mensagem vem da Terra, como um pedido para que a humanidade entenda que somos seres transitórios aqui e não se pode apenas olhar para o próprio bem-estar”, disse Benki em um apelo ao mundo em 2017. “Temos que olhar para as gerações futuras e o que vamos deixar para elas. Temos que pensar em nossos filhos e na Terra. Nós não podemos deixar a terra empobrecida e envenenada, como está acontecendo agora. Hoje já podemos ver grandes desastres começando a acontecer, pessoas que emigram de seus países em busca de água para beber e comida para comer. Vemos uma guerra acontecendo por riqueza agora, e em breve veremos uma guerra por água e por comida. “Devemos esperar, ou devemos mudar a história? Junte-se a nós!”